



# A SINGULARIDADE NA RELAÇÃO MÃE-BEBÊ E A GÊNESE DA TRANSEXUALIDADE

Giovanna Botini Zortea<sup>1</sup>; Thais Lins de Freitas<sup>2</sup>; Jaqueline Feltrin Inada

<sup>1</sup>Acadêmica do Curso de Psicologia, Centro Universitário de Maringá – UNICESUMAR, Maringá/PR. Bolsista PIBIC/UniCesumar.

<sup>2</sup>Acadêmica do Curso de Psicologia, UNICESUMAR, Maringá/PR.

<sup>3</sup>Orientadora, Doutora, Docente do Curso de Psicologia, UNICESUMAR, Maringá/PR.

**RESUMO:** A presente pesquisa procurou investigar como a teoria psicanalítica, sobretudo as formulações de Robert Stoller, concebe a gênese da transexualidade. Para tanto, efetuamos uma investigação bibliográfica e posteriormente realizamos uma coleta de dados em uma pessoa transexual por meio de uma entrevista aberta. A análise dos resultados se deu à luz do método psicanalítico, a partir do qual se evidenciou uma relação excessivamente íntima entre a entrevistada e sua mãe, bem como um distanciamento afetivo com a figura paterna, denotando, assim, consonâncias com as proposições de Stoller de que a transexualidade decorre de um relacionamento livre de frustrações com a figura materna, e a não inserção de um terceiro nesta díade mãe-bebê, de modo que o menino permanece identificado com um corpo e uma personalidade femininos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade de gênero; Simbiose; Robert Stoller.

## 1 INTRODUÇÃO

Para Couto (1999), o transexual é a pessoa que recusa vigorosamente sua sexualidade anatômica, que está identificada em sua certidão de nascimento. Assim, estes sujeitos desenvolvem maior identificação psicológica com as características típicas do sexo oposto, embora biologicamente não sejam portadores de nenhuma anomalia. Neste sentido, Green (1969), conforme citado por Ceccarelli (2010), observa que na contemporaneidade a transexualidade consiste em um fenômeno que, embora tenha estado presente na humanidade desde os primórdios, nunca foi tão amplamente discutido.

Seguindo este raciocínio, Le Breton (2007, apud ARAÚJO, 2010) considera que o corpo do indivíduo moderno está em constantes reajustes estéticos, que buscam, por sua vez, concretizar a constituição da identidade psicológica. Neste sentido, a modernidade oportuniza, de certa forma, uma maleabilidade corpórea, e dentre as várias possibilidades de modificações e marcas corporais, que objetivam inscrever na matéria orgânica aquilo que é da ordem da identificação psicológica, destaca-se o indivíduo transexual que, em linhas gerais, almeja registrar em seu corpo a identidade sexual que condiz com seu gênero de pertencimento psicológico. (LE BRETON, 2005, apud ARAÚJO, 2010).

Como aponta Modesto (2013), embora os transexuais estejam lutando por direitos básicos na atualidade, este grupo minoritário permanece consistindo naquele que sofre maior rejeição social. Um artigo publicado na revista Carta Capital (15/11/2015) constatou que no Brasil há uma escassez de dados oficiais referentes à violência que atinge os transexuais. Esta publicação apresenta como explicação para este dado o fato de não existir, nos boletins de ocorrência, campos específicos para assinalar a orientação e identidade sexual das vítimas. Este mesmo artigo traz ainda dados da organização *Transgender Europe*, que evidenciou que, atualmente, o Brasil é o país onde há o maior número de assassinatos de pessoas transexuais no mundo.

Nesse sentido, constata-se que no atual momento histórico, os sujeitos transexuais vêm ganhando cada vez mais visibilidade ao lutarem pela garantia de seus direitos, na busca de alcançarem o devido reconhecimento social. Assim, tal como Nogueira (2004), a psicanálise, como uma ciência humana, visa estabelecer relações entre falantes, e a pesquisa psicanalítica oportuniza o ato de dar voz ao sujeito da pesquisa, partindo do pressuposto de que nos constituímos com base em nossa narrativa.



Nesta via, para Bulamah e Kupermann (2016), a Psicanálise tem em sua trajetória a tarefa de despir-se de uma roupagem de ciência de poder, descrita pelo filósofo Michael Foucault (Araújo, 2010), buscando ir além da caracterização binária de comportamentos como certo ou errado, uma vez que o psicanalista ouve o sujeito em seus conteúdos inconscientes que, amiúde, são da ordem do incerto, do duvidoso, e deve, para tanto, “reaprender a considerar a especificidade do inconsciente e das pulsões, sem por isso ignorar a história e os movimentos culturais nos quais todos estamos incluídos”. (BULAMAH & KUPERMANN, 2016, p. 86).

Partindo destes pressupostos, esta pesquisa teve por objetivos identificar e compreender concepções a respeito do conceito de transexualidade e suas implicações na sociedade contemporânea; selecionar e descrever teorias que abordam a concepção deste fenômeno, tendo como sustentação algumas reflexões teóricas fundamentadas na metapsicologia da psicanálise inglesa; entrevistar uma pessoa transexual, de modo a se tornar possível uma coleta de dados referente às suas vivências infantis; analisar as informações obtidas à luz do método psicanalítico, visando evidenciar fatores psicodinâmicos que exercem influência na construção das personalidades “trans” a fim de estabelecer relações entre as contribuições teóricas e as vivências reais de um transexual.

## 2 MATERIAL E MÉTODOS

Para consubstanciar tais objetivos, traçamos uma metodologia que consistiu em uma investigação bibliográfica por meio de artigos, teses e livros que explanassem o conceito de transexualidade, assim como referências teóricas de orientação psicanalítica que buscassem explorar a gênese deste fenômeno. Posteriormente, selecionamos uma pessoa transexual, maior de dezoito anos, que manifestou o desejo de ser colaborador desta pesquisa. Ao sujeito, foi explicado os objetivos desta investigação, bem como ressaltado o caráter voluntário e sigiloso da mesma. O projeto foi analisado pelo comitê de ética em pesquisa da UniCesumar e aprovado de acordo com o parecer nº 2360955.

A coleta de dados se deu por meio de uma entrevista aberta, na qual o colaborador foi convidado a falar sobre si. Essa entrevista se justifica porque partimos do pressuposto que, para o método psicanalítico ser empregado como meio de análise, é necessário que o entrevistado associe livremente, ou seja, que fale tudo o que lhe vier à mente, e que o entrevistador adote a atenção flutuante, o que implica em escutar sem selecionar nada em especial, bem como permanecer livre de julgamentos morais (NAFFAH NETO, 2006).

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O psicanalista norte-americano Robert Stoller, importante estudioso da sexualidade, de acordo com Ceccarelli (2003), foi o responsável por inaugurar, no campo das ciências da saúde, a palavra gênero, referindo-se às identificações psicológicas, diferenciando-as do termo sexo, que aludia ao estado biológico do indivíduo. Em um “experimento” psicanalítico, que teve duração de mais de 15 anos, Stoller (1993) dedicou-se a conversar com famílias de meninos que, já nos primeiros anos de vida, manifestavam comportamentos notoriamente femininos. Seu maior propósito foi encontrar raízes não biológicas no comportamento de gênero. Para o autor, a qualidade da interação que os progenitores estabelecem com seus bebês é fundamental no direcionamento da construção de uma personalidade masculina ou feminina, em ambos os sexos, haja vista que o homem estabelece com suas lembranças uma relação de natureza distinta de todos os outros animais, pois “ele simboliza e fantasia e, desta forma, não apenas refaz o passado, como também inventa, antecipando o futuro” (STOLLER, 1985, p. 75).

Para Stoller (1985), as crianças estabelecem, no início da vida, uma relação excessivamente íntima com a mãe, de modo a fomentar uma identificação com o corpo e a psique femininos. Assim, no caso de meninos, é preciso que se opere a des-identificação com a figura materna, e posterior adoção de um



referencial masculino, que se concretiza na figura do pai ou outra pessoa que se faça presente na díade mãe-bebê e oportunize a separação psíquica entre os dois, chamando-os para a realidade externa por meio de frustrações cotidianas. Todavia, o autor adverte que mulheres que tendem a ter filhos transexuais, costumam encontrar parceiros que não almejam se impor na relação entre mãe e filho, e salientam, então, um ambiente gratificante em demasia e sem a presença de referenciais paternos, de modo que o filho permanece identificado ao feminino materno.

Partindo destas formulações teóricas, a coleta de dados realizada em uma pessoa transexual evidenciou consonâncias com as postulações de Stoller (1985), pois a entrevistada relatou tal proximidade excessiva com a figura materna no seguinte trecho: *"eu sempre fui mais próxima da minha mãe. A gente é igual, tanto psicológica como fisicamente, eu falo que a gente tem até o mesmo sangue"*. Ademais, em relação à sua relação com o pai, ela pontua: *"Mas meu pai já é meio distante de mim, desde sempre, ele não tem aquela intimidade sabe? Pros meus irmãos ele fazia de tudo, tudo que eles queriam ele fazia, agora pra mim ele ficava meio assim, colocando empecilhos, não tinha aquela intimidade sabe? Ele me ama, me aceita, mas não é muito próximo"*.

Os escritos de Stoller (1985) a respeito das famílias dos transexuais descrevem uma figura paterna que não se implica na relação dual mãe-bebê, e a mãe, tende a, inconscientemente, escolher um parceiro com características mais passivas que garantam que não vá tentar separar a criança. Portanto, a mãe parece não ter permitido a inserção deste terceiro na relação, mas o mesmo também não se implicou em estabelecer vínculo com este filho que o cativasse a adotar o pai como referencial masculino.

A colaboradora explicou que tem uma irmã mais velha, depois veio ela, que nasceu menino e, em seguida seu irmão que, segundo sua descrição é muito próximo e parecido com o pai. Em outro momento da entrevista, ela revelou que sua mãe sempre quis ter duas filhas. A este respeito, Szejer e Stewart (1997) explanam o banho de linguagem, que diz respeito a todas as palavras, os ditos e não-ditos que constituem a história e a pré-história da criança, ou seja, as narrativas em relação ao bebê, que são proferidas a ele ou não, mesmo antes de seu nascimento, se inscrevem no inconsciente deste e, portanto, são fatores decisivos na construção do seu psiquismo. Assim, na história de vida da entrevistada, como seu irmão é próximo e parecido com seu pai, a segunda filha só poderia ser ela.

Ceccarelli (2003) afirma que, quando os pais idealizam uma criança que não corresponde aos dados da realidade, como no caso dela, na qual fantasiaram uma segunda filha menina, fica delegada à criança, portanto, a tarefa de conceber o luto da criança imaginada, e posicionar-se como sujeito desejante que se posiciona a não corresponder aos ideais parentais. Todavia, o ego em constituição da criança carece de referenciais externos que o auxilie a separar-se da relação paradisíaca com a figura materna e constituir-se como um ego desejante. Tal referencial, que comumente é o pai ou qualquer outra figura próxima da mãe que se implique em chamá-la para a realidade externa e permitir que a criança se diferencie dela, não tomou forma em seu relato, o que indica a não existência do mesmo, de modo que ela parece estar aprisionada às fantasias parentais.

## 4 CONCLUSÃO

À guisa de conclusão, sabemos que a transexualidade é regida, ainda hoje, pelo Manual Diagnóstico e Estático de Transtornos Mentais –DSM-5 (2014), que elucida tal fenômeno caracterizando-o como Disforia de Gênero. A este respeito, Barreto e Ceccarelli (2015) comentam que os transexuais reivindicam, prioritariamente, a despatologização deste fenômeno, apontando-a como um recurso contra o sofrimento psíquico destas pessoas.

Os estudos de gênero, embasados pela ideologia feminista, que se encontram no que é chamado de "terceira onda", vêm, neste contexto, reivindicando a despatologização da transexualidade, de modo a "neutralizar" o caráter imoral e pecaminoso atrelado às diferentes manifestações de sexualidade (Lins, 2016). Assim, a pesquisa psicanalítica é de suma importância para estes debates, ao apontar e descrever a subjetividade das pessoas transexuais a partir de uma perspectiva muito singular.



## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA PÚBLICA. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/um-tapa-na-cara-5322.html>> Acesso em: 05 de maio de 2016.

AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-5-TR**. Porto Alegre: Artmed, 2014, 5ª. ed.

ARAÚJO, Letícia Rezende de. **Transexualidade: dos transtornos às experiências singulares**. 2010. 123 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Católica de Pernambuco, Recife. 2010.

BULAMAH, Lucas Charafeddine; KUPERMANN, Daniel. A psicanálise e a clínica de pacientes transexuais. **Periódicus**, Salvador, n. 5, v. 1, maio-out. 2016.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Psicanálise, sexo e gênero: algumas reflexões **Diversidades: Dimensões de Gênero e sexualidade**. Rial, C.; Pedro, J.; Arende, S. (Org.) Florianópolis: Ed. Mulheres, 269-285, 2010.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Transexualismo e caminhos da pulsão. **Revista do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais**, ano XXV, 50, 37-49, 2003.

COUTO, Edvaldo Souza. **Transexualidade: o corpo em mutação**. Salvador, Editora Grupo Gay da Bahia, 1999.

LINS, Beatriz Accioly. **Diferentes, não desiguais : a questão de gênero na escola** / Beatriz Accioly Lins, Bernardo Fonseca Machado e Michele Escoura. — 1a ed. — São Paulo : Editora Reviravolta, 2016.

MODESTO, Edith. Transgeneridade: um complexo desafio. **Via Atlântica**. São Paulo, n. 24, 49-65, DEZ/2013.

NETO, Alfredo Naffah. A pesquisa psicanalítica. **Jornal de Psicanálise**. São Paulo, 39(70): 279-288, jun, 2006.

NOGUEIRA, Luiz Carlos. A pesquisa em psicanálise. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 15, n. 1-2, p. 83-106, June 2004. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642004000100013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642004000100013&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 15 fev. 2018.



STOLLER, Robert J. **Masculinidade e feminilidade: apresentação do gênero** / Robert J. Stoller; trad: Maria Adriana Veríssimo Veronese. – Porto Alegre: Artes Místicas, 1993.

STOLLER, Robert J. (1924-1991). **Perversão: a forma erótica do ódio**. Tradução de Maria Lúcia Lopes da Silva. Apresentação de Flávio Carvalho Ferraz. - São Paulo: Hedra, 2015. *Título original: Perversion: the erotic form of hatred. 1985.*

SZEJER, M.; STEWART, R. **Nove meses na vida da mulher: uma aproximação psicanalítica da gravidez e do nascimento**. Tradutora Maria Nuryrmar Brandão Benetti. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.